

**OS RITMOS POPULARES
NO FOLKLORE DE PERNAMBUCO
VOCABULÁRIO DO FREVO**

Nelly Carvalho (UFPE)
nellycar@terra.com.br

INTRODUÇÃO

A organização do vocabulário do frevo utilizou os seguintes procedimentos metodológicos: levantamento e seleção de dados bibliográficos, biográficos e discográficos; catalogação e seleção de textos jornalísticos; entrevistas com compositores, carnavalescos e dirigentes de agremiações carnavalescas; transcrição e análise de entrevistas; levantamento e descrição metalinguística dos verbetes; redação parcial; revisão e redação final.

Por ser difícil estabelecer um método de análise dos termos carnavalescos, valemo-nos da Teoria dos Campos de Significação de Baldinger, para organizar a abordagem linguística, visto não se tratar, rigorosamente, de uma terminologia, mas de um vocabulário, vez que não tem características da linguagem especializada, como é o caso da Terminologia científica.

A organização semântica variada do vocabulário do carnaval abrange vários campos nocionais que se interpenetram, dentro dos quais podemos analisar os modos de sua formação.

FUNDAMENTAÇÃO LINGUÍSTICA

As mudanças de hábito imprimem sua marca no vocabulário de um tema que, embora tradicional, nomeia contradições e modas. Cria-se uma permanente necessidade de metalinguagem, pois arcaíza termos colocando-se nas prateleiras linguísticas e constrói novos significantes para significados que pulam pelas ruas.

São frequentes as variantes do termo exato na escrita. Não nos esqueçamos que é a alma do povo que brotam, como manifestação espontânea dos iletrados.

LÉXICO E SEMÂNTICA

É o caso do frevo, palavra-chave do carnaval pernambucano.

Nestas transformações formais, há uma correspondente mudança semântica, constituindo-se na época em que surgem, um neologismo. Assim, neologismos e arcaísmos convieram/convivem fraternalmente nessa linguagem que nos vem da voz rouca dos mangues, das ruas, das favelas.

É desafiador estabelecer uma sistemática para se analisar os termos carnavalescos. Por tratar-e de um vocabulário, sua formação não tem como modelo as terminologias de linguagem especializada. Não apresenta longos sintagmas, lexias complexas onde os componentes colocados à direita prediquem com precisão o fenômeno a que se refere. As lexias complexas são geralmente curtas, formadas por justaposição.

Os empréstimos adotados não são sentidos mais como tal. Foram introduzidos e adaptados há tempo. As novidades entram através de composição por aglutinação e por mudanças semânticas. Este vocabulário do Frevo, aqui dicionarizado é uma obra tipo enciclopédia. Não no sentido de grandeza que o termo pode suscitar, mas no sentido de incluir informações extralinguísticas, ou seja, da realidade cultural onde está inserido.

Com base na Teoria dos Campos de Significação organizamos a abordagem linguística a ser adotada. Entretanto, em vez de fazer-se uma descrição científica, optamos pelo formato lexicográfico de verbetização: verbetes em ordem alfabética.

A língua, vista como sistema de relações, remete à noção de campo semântico, referente a um determinado domínio ou esfera da realidade.

Baldinger considera este campo constituído pelo campo semasiológico das significações, partindo do termo para o significado e o onomasiológico, ou das designações, partindo do conceito para ligá-los aos termos que o exprimem.

A organização semântica variada do vocabulário do Frevo abrange quatro campos nocionais que se interpenetram:

- 1- Festejos/Eventos
- 2- 2- Ritmos (música e dança)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

- 3- Objetos
- 4- Fantasias/Personagens

Nesses campos nocionais podemos analisar os seguintes modos de formação:

- Derivação
 - a) Própria, que pode ser prefixal ou sufixal. Ex. Pré-carnavalesco, frevioca, caboclinho, momesco, frevança.
 - b) Imprópria, pela mudança da classe gramatical. Ex. Apito, frevo.
- Metátese – Mudança fonética que consiste na transposição de um fonema dentro de um vocábulo. Ex: Frevo, forma transformada de *fervo*.
- Deverbal regressivo – Nomes de ação, isto é, substantivos verbais abstratos, que correspondem a verbos cognatos sem deles se derivarem por meio de sufixação, ou, em outros termos, derivados por um sufixo. Ex: Frevo > Deverbal regressivo de *ferver*.
- Composição subordinativa – Formação de uma palavra pela reunião de outras significações que se complementam para formar uma significação nova. Os vocábulos que entram na composição podem apresentar-se como lexia simples ou complexa. Podem ser compostos
 - a) Justaposição. frevo-de-bloco, frevo-canção, maracatu-de-baquevirado, maracatu-nação, passos-do-carro, lança-perfume;
 - b) Aglutinação: papangu, frevoxé;
- Mudança semântica – É a mudança que modifica o núcleo da significação. Ex: passo, frevo e caboclinho.
- Empréstimo – Adoção de traços linguísticos diversos daqueles do sistema vernáculo:
 - a) do italiano: confete, ventarola, arlequim, colombina, laursa, palhaço;
 - b) do francês: serpentina, pierrot, folia;
 - c) do africano pelo tupi: maracatu (primeira atestação 1890);
 - d) do latim: flabelo, passo, chapéu;
 - e) do grego: momo;
 - f) do tupi: caboclinho (< kariocola + inho>).

LÉXICO E SEMÂNTICA

CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL

No Brasil, as festas populares foram introduzidas pelos missionários portugueses transplantando tradições rurais europeias que se aculturaram pelas condições climáticas e geográficas dos brasileiros e incorporaram contribuições africanas e indígenas.

As raízes do carnaval estão no entrudo que já arrastava adeptos no início da colonização. Em 1840 foi que passou a ocupar os salões e ruas com a denominação *carnaval* que significa adeus à carne.

De acordo com Araújo (1996), os documentos mais antigos, sobre o carnaval no Brasil, datam do século XVI. A partir de 1604, sucessivas posturas municipais proibiam certas atividades nocivas à ordem pública; porém, apesar das interdições periódicas, a festa cristianizada, iniciada no ciclo natalino, continua sendo realizada, até os dias atuais, nos quatro dias que precedem a Quarta-Feira de Cinzas nas cidades.

Durante o século XIX, o antigo festejo colonial transforma-se no carnaval burguês e o estrato mais abastado triunfa sobre os folguedos, elitizando-o. A ordem carnavalesca, no Brasil, não contraria a ordem habitual da sociedade existente; define papéis sociais inteiramente dentro das hierarquias sócio-econômicas existentes, de acordo com as relações sociais básicas.

Nos festejos atuais, as relações sociais são bem definidas quando se mantêm representadas pela divisão dos espectadores e atores através dos cordões de isolamento, das arquibancadas, dos camarotes, das festas nos clubes fechados para sócios e convidados. E estes referenciais apontam que as origens socioeconômicas das pessoas, as relações grupais, as formas comunicacionais se matêm e se reproduzem durante o Carnaval.

A história do Carnaval no Brasil pode ser dividida em três grandes fases.

(1) *Primeira fase* – Da época colonial até 1850. Período do carnaval de estilo lusitano, em que vigorou plenamente, nas principais cidades brasileiras, o entrudo, o jogo trazido pelos colonizadores portugueses. Nessa fase, não havia um folguedo carnavalesco típico

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

das camadas populares e a elas cabia, segundo a visão dos senhores, apenas o papel de auxiliares ou vítimas dos direitos dos brancos.

A partir de 1846, surge o festejo chamado de Zé-Pereira, que ao toque dos clarins e rufar dos tambores, saía pelas ruas da cidade, em cortejo; o grupo anunciava a abertura do carnaval, apresentava-se oficialmente no sábado à noite, véspera dos festejos momescos.

(2) *Segunda fase* – 1850 a 1920 – Período do carnaval veneziano ou burguês. No intuito de civilizar a festa do entrudo, surgiram nos anos quarenta do século XIX os bailes de máscaras. Nessa fase se deu o que podemos chamar de aburguesamento dos folguedos do momo; a camada urbanidade melhor situação econômica passou a copiar os costumes burgueses europeus, também no que se refere à maneira de festejar o carnaval. No Recife, o espírito folião sempre dominou todas as camadas populares; em 1887, uma centena de agremiações [clubes, blocos, troças, fandangos, pastoris etc.] animavam o carnaval recifense, liderados pelos Cavalheiros da Época e pelo Clube 33. Cada bairro tinha seus bailes, realizados na sede dos clubes mais modestos; até mesmo na residência dos foliões mais entusiastas dançava-se até o dia amanhecer. É nessa mesma fase que se cristalizam as características do carnaval pernambucano; dos dobrados surge o frevo e dos capoeiras, o passo.

Em 1889, ano em que se celebrou o primeiro carnaval livre da escravidão, o número de clubes recifenses havia aumentado, notando-se entre eles os formados pelos trabalhadores assalariados de todas as classes populares.

(3) *Terceira fase* – De 1920 aos nossos dias. Período de afirmação do carnaval popular. O carnaval popular conseguiu, finalmente, o direito de expressão; as massas passaram de espectadores ou participantes clandestinos para agentes imprescindíveis, enquanto as elites, anteriormente atuantes, revertiam à posição de simples espectadores. Sem sombra constante de repressão policial, os desfiles, sob a forma de escolas de samba, passaram a ser realizados. Não somente aceitos; mas promovidos e em parte subvencionados pelo poder público constituindo, hoje, uma estratégia empresarial.

No Recife, nos primeiros anos do século XX, apesar de a imprensa procurar divulgar e estimular o carnaval de estilo burguês eu-

LÉXICO E SEMÂNTICA

ropeu, as manifestações carnavalescas populares impõem-se: os clubes de pedestres, os maracatus e os clubes de máscaras carnavalescos.

As características que marcam as fases da história do carnaval do Brasil foram vivenciadas em quase todos os estados, sobretudo em alguns de maior efervescência cultural e política como: Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco.

No Brasil, Pernambuco se diferencia dos outros estados no quadro cultural das manifestações populares, sendo identificado como *terra do frevo e do maracatu*.

O diferencial dos festejos carnavalescos em Pernambuco são os vários ritmos musicais e suas danças que se combinam entre si e são nomeados com riqueza de detalhes, distinguindo-o dos outros dois pólos carnavalescos do Brasil: Rio de Janeiro e Bahia.

No Recife e em Olinda os caboclinhos, nações africanas, ursos, troças, clubes de frevo, maracatus, boi do carnaval, tribos de índios e agremiações carnavalescas empresariais tomam conta das ruas, becos e avenidas durante os dias do Momo, enchendo-os de cores, alegria, musicalidade, suor e emoções que fervilham da cabeça à ponta dos pés dos pernambucanos.

Dentre as manifestações folclóricas de Pernambuco, o frevo é o grande anfitrião, destacando-se pela sua força, sua alegria, sua resistência e pela sua grande magia, de ritmo inigualável, capaz de arastar multidões a cair no passo, formando, assim, uma verdadeira massa humana compacta, num só pensamento e numa só ação – frevo no pé e coração tão bem expressos por

“Terra boa meu Pernambuco

Que faz frevo bom e maracatu” (Luís Bandeira)

O frevo consolidou-se nos fins do século XIX no Recife, embora haja registros do termo datados do século XVIII. Derivado de *fervorescente*, *efervescente* e *ferver* –, o termo lembra ainda confusão, movimentação desusada, reboição, agitação popular.

Denominado inicialmente de marcha, e, posteriormente, de marcha carnavalesca pernambucana e, por alguns compositores até os nossos dias, de marcha-frevo, o frevo, como música, tem sua origem nos repertórios das bandas militares e civis existentes no Recife

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

na segunda metade do século XIX: A modinha, o maxixe, o tango brasileiro, a quadrilha e, mais particularmente, o dobrado, combinaram-se, fundiram-se, dando como resultado o frevo, ritmo popular ainda hoje em franca expansão rítmica e coreográfica.

Na obra *Frevo, Capoeira e Passo*, de Valdemar de Oliveira (1985, p. 12) diz-se que “nada era e é mais comum numa terra canavieira do que a fervura – fervura dos tachos de mel, nos engenhos de açúcar, fervura lenta, bem quente, mal contida (...) que jamais poderia escapar aos olhos do popular pernambucano”.

A palavra frevo teria sido oficializada pelo jornalista Osvaldo de Almeida, que se escondia atrás de pseudônimos: *Paula Judeu*, nas entrevistas teatrais e *Pierrot*, nas crônicas carnavalescas, por volta do ano de 1907.

O vocabulário caiu no gosto do povo, designando a música típica do carnaval recifense e o esfregado dos foliões em crise carnavalesca. Como música, o frevo deve sua origem às marchas, maxixes, polas e dobrados tocados nos desfiles nos bairros de São José, Santo Antônio e Boa Vista, no Recife, tendo se firmado como dança, no início deste século.

Os anos de 1888 a 1914 – fase que teve na Abolição e na instauração da República seus fatos políticos mais marcantes – constituíram-se num tempo de intensos processos de mudanças da sociedade brasileira. Durante este período, o número de clubes carnavalescos, na cidade do Recife, cresceu significativamente, em especial os pedestres, que deram origem ao frevo.

Em 1914, já se delineavam os traços embrionários do projeto cultural que transformaria o ritmo em símbolo de identidade coletiva.

O projeto de carnaval de elite-, espelhado em Veneza e Nice – ainda em finais do século XIX, mostrava sinais evidentes de fracasso. O aparecimento de clubes de alegoria e crítica deu novo alento ao carnaval, entre os anos de 1910 e 1912. Transformaram em festa do povo uma festa de elite impossível de ser mantida, numa sociedade sem condições sociais para tal.

Da reformulação do espaço e do modo de vida urbanos, nos quais associações e manifestações coletivas, antigas e tradicionais

LÉXICO E SEMÂNTICA

conviviam e, até mesmo, geravam outras novas, nasceram os clubes carnavalescos pedestres e, junto com eles, o frevo.

Na terceira década do século XX, convencionou-se dividir o frevo em frevo de rua, *frevo-canção* e *frevo-de-bloco*. A partir de então, o frevo, com suas coreografias singulares (os passos), é difundido, aperfeiçoado e representativo da cultura carnavalesca dos pernambucanos.

O *passo*, que impera desde o século XIX, pode ser considerado um exercício acrobático com bases profundas nas raízes pernambucanas, e tem como ancestral a capoeira do Recife. Sua criação parece ter sido em função do frevo. Porém é impossível distinguir se o frevo, que é música, trouxe o passo ou se o passo, que é dança, trouxe o frevo. As duas coisas foram inspirando uma à outra e complementaram-se. Enquanto o frevo foi invenção de compositores de música ligeira feita para o carnaval, o passo brotou mesmo do povo, sem regra nem mestre. À proporção que o povo ia soltando sua emoção corporal, fazendo sintonia com as músicas do frevo, o passo foi adquirindo características próprias, sendo, hoje, oficializado como a dança do frevo.

Baseado em

CARVALHO, Nelly; MOTA, Sophia Karla; BARRETO, José Ricardo Paes. *Dicionário do frevo*. Recife: UFPE, 2000.